

O REAL SIGNIFICADO: ANÁLISE SEMIÓTICA DAS CÉDULAS DO PLANO REAL

THE REAL MEANING: ANALYSIS OF BALLOT SEMIOTICS REAL PLAN

Renata Rinaldi¹
Vanda Cunha Albieri Nery²

Resumo: Utilizando como fundamentação teórica, conceitos da semiótica formulada por Charles Sanders Peirce, este artigo analisa as cédulas de papel moeda criadas pelo Plano Real no Brasil. O texto começa situando o leitor no universo da semiótica, em seguida, contextualiza o papel moeda implantado no regime cambial brasileiro, para depois se dedicar à análise das cédulas de Real. Um exemplo de semiose finaliza a interpretação do signo em questão.

Palavras-chave: semiótica; signo; cédulas de real; design gráfico.

Abstract: Using as theoretical concepts of semiotics formulated by Charles Sanders Peirce, this article analyzes the ballot paper currency created by the Plano Real in Brazil. The text begins by placing the reader in the world of semiotics, then contextualizes the role of currency exchange rate regime implemented in Brazil, and after to engage in the analysis of Real ballots. An example of semiosis ends the interpretation of the sign in the question.

Key-words: semiotics; sign; real ballots; graphic design.

1. Introdução

O artigo se propõe a fazer uma análise de cédulas do real, implantadas no regime cambial brasileiro, em 1994, época do plano real, e nossa atual moeda de circulação, tendo como suporte a teoria semiótica, desenvolvida pelo cientista, lógico e filósofo norte americano, Charles Sanders Peirce (1839-1914).

A semiótica pode ser entendida como uma teoria sógnica do conhecimento e, nesta abrangência, mantém uma grande aproximação com os fenômenos visuais. A palavra vem do grego semeiotikos, que significa intérprete de sinais e também de semeion, que significa signo. Ótica, também vem do grego optike, que significa a arte de ver. Assim, a palavra semiótica está ligada à visão, à percepção dos fenômenos que aparecem na natureza, no pensamento e no modo como eles se relacionam.

¹ Graduanda do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do curso de Design da Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC) - Unidade Uberlândia/MG. E-mail: kittysune@gmail.com

² Pós-Doutora em Processo de Criação (UFMG) e doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Professora da Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC) - Unidade Uberlândia/MG e da Faculdade Católica de Uberlândia. E-mail: vcanery@yahoo.com.br/ vanda.nery@esamc.br.

Peirce dedicou boa parte de seu trabalho à observação dos fenômenos e concluiu que só há três elementos formais e universais em todos eles. Esses elementos foram chamados de primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade refere-se à qualidade, consciência imediata, não analisável. Qualidade é sentimento, é puro sentir. A secundidade refere-se à reação aos fenômenos externos, à sensação, à ação de um sentimento sobre nós e nossa reação específica a ele. A terceiridade refere-se à mediação, aproximação do primeiro e do segundo, um signo produzido como mediação entre nós e o fenômeno (PEIRCE, 1978).

Dessa maneira, a observação dos fenômenos inicia-se pelas qualidades que atingem os sentidos, sendo simplesmente uma possibilidade de significação. Uma possibilidade de significação só pode significar algo se fizer referência a um existente, tornando perceptível a qualidade emergida na primeiridade. A essência do presente está, portanto, na secundidade, mas a conceituação e formalização do processo ocorrem na terceiridade, a qual caracteriza-se pela generalização, representação e interpretação dos fenômenos, por meio da razão, de uma norma, de uma lei. Para Santaella (2002, p.7), a forma mais simples da terceiridade, manifesta-se no signo, visto que o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete). Detalhando: signo é qualquer coisa que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito na mente de um intérprete, efeito chamado de interpretante do signo. O signo é, portanto, um elemento de mediação entre um objeto e uma mente que o interpreta. Trata-se, de uma estrutura complexa composta por três elementos que se interconectam e que não podem ser analisados separadamente: o próprio signo, seu objeto e o interpretante (SANTAELLA, 1983).

A interpretação de um signo pressupõe a existência de outros signos com base nos quais o novo signo deva ser interpretado, sendo o signo, elemento integrante do pensamento e da consciência, que possibilita a construção representativa da realidade. Daí decorre um conceito bastante difundido nos trabalhos de Peirce: o de semiose, um processo lógico de geração infinita de signos a serem interpretados.

Seguindo a natureza triádica do signo, a análise semiótica proposta, será realizada em três níveis: análise sintática, correspondendo ao signo em si mesmo; análise semântica, que leva em consideração o signo em relação ao seu objeto; e, finalmente, a análise pragmática, que considera o signo em relação ao seu interpretante.

Serão analisadas as cédulas de R\$1,00; R\$2,00; R\$5,00; R\$10,00; R\$20,00; R\$50,00 e R\$100,00 levando-se em consideração que as notas de R\$2,00 e R\$20,00 foram implantadas

posteriormente traduzindo padrões de formulação visual que se diferenciam do contexto das cédulas anteriores. Para cada item analisado em que as cédulas de R\$2,00 e de R\$20,00 diferirem, serão incluídos parágrafos analíticos exclusivos. A análise será realizada, em sua maioria, com base na representação da nota de R\$1,00 para os elementos comuns a todo o conjunto. Elementos específicos como os das cédulas de R\$2,00 e de R\$20,00 serão analisado à parte. As ilustrações utilizadas para análise possuem tamanho 30% menor em relação ao tamanho original das cédulas.

As cédulas fazem parte da família do real, composta por sete cédulas e seis moedas, porém nosso objeto de estudo restringe-se apenas às cédulas de papel. Vale ressaltar que além dessas, ainda existe uma nota de R\$10,00, comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil, feita de polímero (plástico). Essa série apresenta, no seu anverso, a efigie da República como elemento principal e no reverso, animais da fauna brasileira. A grande diversidade dos métodos e elementos utilizados visa inibir a ação de falsificadores.

2. Papel moeda: a cédula como veículo visual

A história do papel moeda está intrinsecamente ligada ao processo de instauração do dinheiro na sociedade, assim como o papel das negociações comerciais, em que é recorrente a transição de uma economia baseada na troca direta para um sistema econômico na troca indireta, em que surgiram várias formas de representar o valor monetário, como pedras, conchas, sal e artefatos que serviam de intermédio para a troca. Para a otimização dessas relações, instaurou-se o papel moeda passando da troca de mercadorias para a formulação de valores monetários que dependiam de matérias raras. Por muitas décadas, a moeda não possuiu um valor real, pois dependia diretamente do metal que a constituía. Hoje, a maioria dos países do mundo usa moedas de valor nominal.

Percorrendo a história do papel moeda, esbarramo-nos inúmeras vezes com elementos visuais que podem ser considerados como um padrão na linguagem das cédulas. Atualmente, as moedas, tanto as cunhadas quanto as de papel, possuem figuras representativas da história, da cultura, das riquezas e diversas representações de poder de uma economia.

As cédulas representam um elo significativo entre o passado e o presente, seu valor está intrinsecamente ligado aos aspectos culturais de um povo. As moedas são, às vezes, as únicas fontes de registro histórico de determinadas construções e esculturas da Antiguidade que já desapareceram, seja por ação do homem ou por resultado do tempo. As cédulas, bem como as moedas metálicas, são indícios também da história política, econômica e social de

sua época, suas representações são fontes abundantes de informações que podem revelar importantes dados quanto às condições econômicas, científicas e culturais de uma sociedade. A moeda de um povo é base para uma série de representações pictóricas de dados como a religião, a educação, o governo e as mais diversas fases da nossa civilização.

Em datas comemorativas, cédulas especiais são lançadas em números limitados, constituindo-se em registros e fontes históricas de momentos importantes na história de um povo e representam um importante papel no contexto sócio-cultural.

As cédulas, geralmente, se apresentam no formato retangular e no sentido horizontal, observando-se, no entanto, grande variedade de tamanhos. Existem, ainda, cédulas quadradas e até as que têm suas inscrições no sentido vertical. No caso das cédulas estudadas há no anverso a leitura horizontal e no reverso a leitura vertical. Há também as cédulas com inscrições espelhadas, podendo ser lidas tanto de um lado quanto de outro, recurso este utilizado por Aloísio Magalhães na criação da cédula de 1.000 cruzeiros, em 1976.

3. O plano real

A política monetária consiste na atuação de autoridades designadas sobre a quantidade de moeda em circulação, taxas e liberação de crédito e das taxas de juro, para manter o controle da liquidez global do sistema econômico. Certas medidas tomadas em determinados momentos influenciam na troca de toda a moeda corrente de um país, incluindo, entre outras medidas, o redesenho de novas cédulas, mudança no nome da moeda e mudança na leitura dos valores. A política monetária age diretamente sobre o controle da quantidade de dinheiro em circulação, visando defender o poder de compra da moeda. A emissão de papel moeda é um dos cinco instrumentos básicos para que se faça política monetária em uma economia (www.bcb.gov.br).

Conforme o site do Banco Central do Brasil (www.bcb.gov.br), o plano real foi instituído no Brasil em julho 1994, durante o governo Itamar Franco, e consistiu em projeto de estabilização econômica cujo objetivo primário era controlar a hiperinflação. O plano real trouxe à realidade brasileira uma nova moeda, o real, nome derivado do primeiro padrão monetário brasileiro, o réis, que era derivado de real, moeda utilizada em Portugal na época do descobrimento.

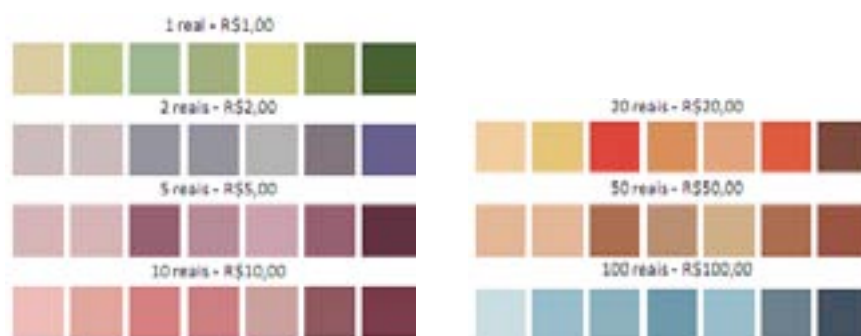
4. O real sob a luz da semiótica

As três categorias do pensamento formuladas por Peirce podem ser vistas no fenômeno cédulas de real. A primeiridade é o contato imediato do usuário com a cédula. São as impressões sensórias advindas das cores, formas, texturas. A secundidade pertence às relações que se farão a partir das características observadas na primeiridade. Nesse segundo momento, já são iniciadas as interpretações como, por exemplo, as relações que se fazem entre as cores das cédulas e os numerais que indicam seus valores. Na terceiridade, chega-se à interpretação obtida das qualidades observadas e das relações estabelecidas.

5. A análise semiótica em três níveis de abordagem

5.1. Abordagem Sintática: primeiro contato com a linguagem visual

A percepção inicial de uma cédula se dá pelo contato, seja tátil ou visual. No campo visual, as cédulas destacam-se primeiramente por suas cores, forma, grafia. A percepção tátil revela características relacionadas à textura, volume, dimensões físicas e sua massa, dados que chamam atenção para uma análise imediata, característica da primeiridade. Ainda na primeiridade, visualizamos as cores predominantes como o primeiro item a ser percebido em uma relação objeto-intérprete, seguidas do valor monetário que as cédulas carregam e das ilustrações contidas no seu anverso e reverso. A primeira ilustração corresponde à efigie da República no anverso, representada através de um busto esculpido. No reverso, as ilustrações variam de acordo com o valor da cédula, porém se padronizam por exibirem imagens de animais. As cores predominantes em cada uma das cédulas podem ser vistas a seguir:



Elementos presentes nas cédulas:

Medidas: as cédulas medem 65mm x140mm.



Elementos gráficos: são os elementos centrais notados no primeiro momento, responsáveis pela denominação do signo como cédula. Os numerais, a tipologia e a ilustração do reverso variam de acordo com o valor monetário de cada nota, já a ilustração no anverso é comum a todas. Abrindo o campo de visão, há a percepção implícita de uma margem secundária que delimita a área onde todos os elementos principais constituintes de uma cédula se encontram.



Verificando a incidência dos elementos gráficos ao conjunto das células, podemos detectar elementos variáveis e elementos comuns, como mostrado, a seguir, pelo destaque na cor. Assim, temos:

No anverso:

Elementos variáveis:

Elementos comuns:



No reverso:

Elementos variáveis:

Elementos comuns:



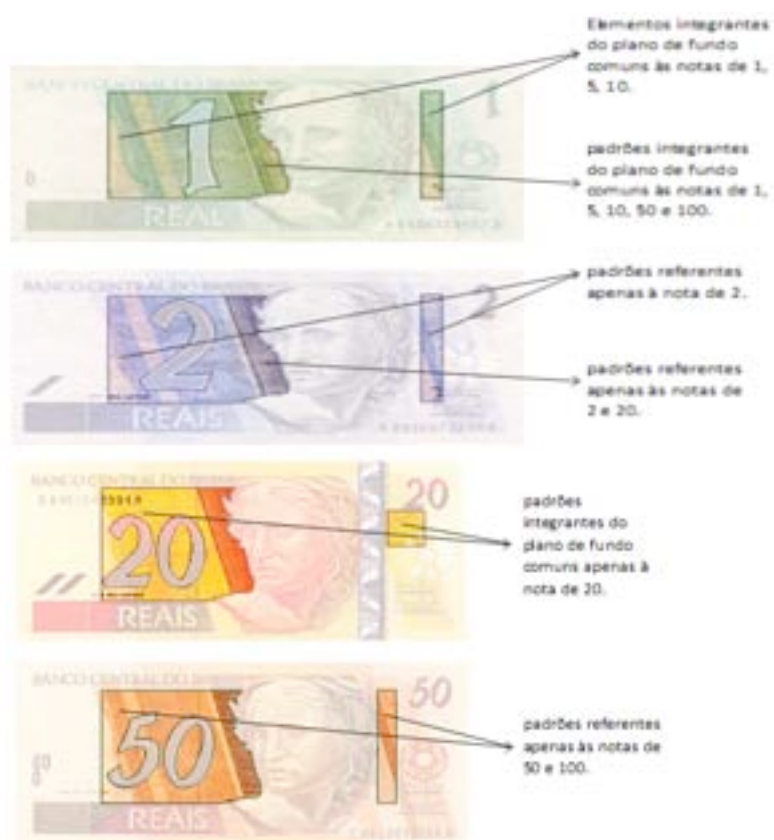
Quanto às características físicas das cédulas, analisando-as em nível de secundidade, temos como elementos, seu formato retangular, com leitura horizontal no anverso e vertical no reverso, dimensões horizontais de 140 mm x 65 mm, o papel utilizado é o fiduciário, ou papel moeda, com gramatura de 94g/m², a impressão é feita de forma diferente para cada grupo de elementos que compõem a nota, os métodos de impressão são a calcografia, que consiste na impressão por uma matriz de metal; o sistema offset, método de impressão mais largamente utilizado na indústria gráfica; e a tipografia, método antigo, porém seguro de impressão também a partir de matrizes de metal. Segue a descrição de como cada grupo é impresso:

Anverso: em calcografia são impressos a efigie da República, as legendas indicativas de valor, onde foram aplicadas microletras com as iniciais BC, marcas táteis para leitura por deficientes visuais, nome do órgão emissor BANCO CENTRAL DO BRASIL, imagem latente, com as inscrições B e C, gravada na extremidade da tarja horizontal inferior, onde, em continuidade, encontra-se o nome do padrão monetário, a expressão DEUS SEJA LOUVADO. Em offset estão impressos os fundos de segurança, produzidos com avançados recursos de computação gráfica; elementos figurativos, como a efigie ilustrada; registro anverso/reverso: elemento destacado do fundo de segurança do anverso que constitui, com motivo das mesmas formas no reverso, registro de superposição. E em tipografia aparecem o indicador alfanumérico de série, numeração ordinal e estampa, microchancela do ministro da Fazenda e microchancela do presidente do Banco Central do Brasil.

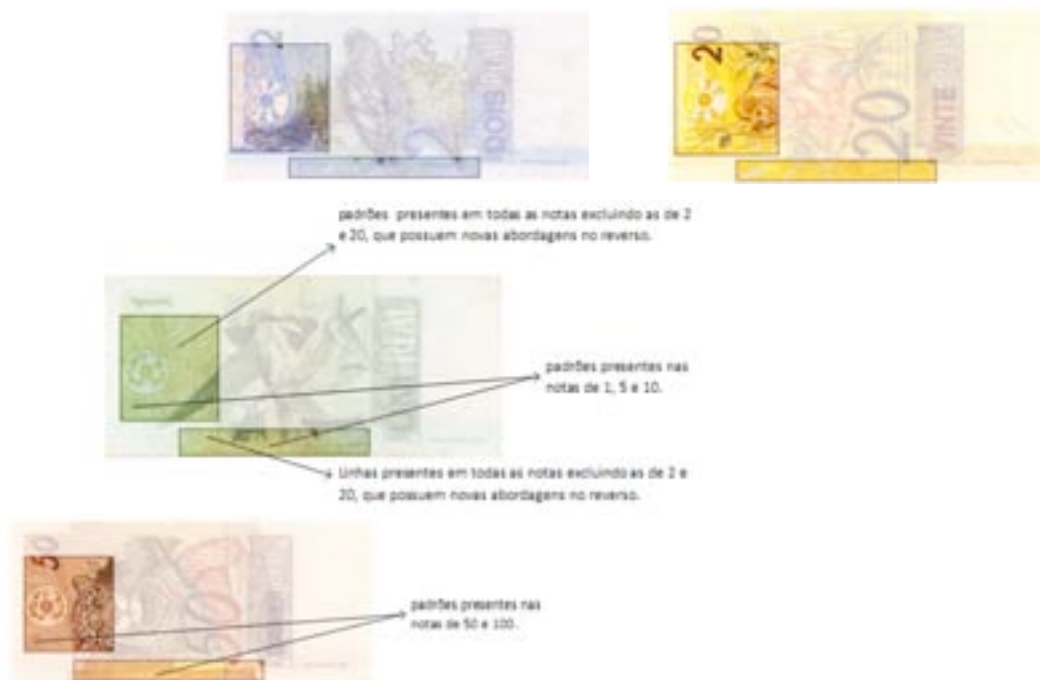
Reverso: em calcografia são impressos os elementos figurativos relacionados às ilustrações, dístico indicativo do fabricante, legendas indicativas de valor numérico, sendo que a maior está preenchida com as iniciais BC em microletras. O fio de segurança, magnético, atravessa a cédula de alto a baixo. A propriedade magnética serve para leitura por equipamentos eletrônicos de seleção e contagem de numerário. Fibras coloridas estão entremeadas na própria massa do papel.

Após evidenciarmos os elementos gráficos das células que se mostram mais destacados à primeira vista, como as cores, formas, valor nominal e ilustrações, nesse segundo momento pretende-se distinguir as partes mais elementares de toda a composição. Como padrões de fundo, podemos notar que linhas paralelas compõem o fundo de toda a nota e padrões com curvas sinuosas e linhas paralelas ilustram e recortam as partes centrais. Estes se diferenciam de uma nota para outra, agrupando-se da seguinte forma:

No anverso: os padrões estão inseridos em um recorte diagonal em todas as cédulas, sua impressão sangra nas partes superior e inferior. As cores utilizadas são da paleta de cada cor. Todos os padrões são formados apenas por linhas paralelas e curvas.



No reverso: as notas de R\$2,00 e de R\$20,00 seguem uma padronagem diferente em seu reverso, estas se fundem e tornam-se parte da ilustração central, contendo, além das linhas e curvas, elementos referentes ao animal em destaque da cédula. No caso da nota de R\$2,00 fazem parte do plano de fundo, cascos de tartaruga e na nota de R\$20,00 há ilustrações simplificadas e icônicas do mico-leão-dourado.



Elementos gráficos do anverso das células: podem ser destacados e pormenorizadamente descritos, como a seguir.

Efígie:



Segundo definição do Glossário do Banco Central do Brasil, efígie é a representação plástica da imagem de uma pessoa real ou simbólica. A ilustração é de um busto, seus olhos não possuem pupila. A figura possui uma tampa de louros na cabeça, dirige o olhar para o lado direito com uma face séria, possui uma túnica nos cabelos, porém esta não se completa devido ao corte na margem, que corta a ilustração. A ilustração utiliza a técnica da ranhura. No caso das cédulas de real, a efígie é a da República, que utiliza como inspiração a imagem da Liberdade na obra *A Liberdade guiando o Povo*, pintada em 1830, por Eugène Delacroix.

Legenda BANCO CENTRAL DO BRASIL:



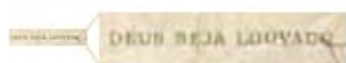
Presente nos cantos superior esquerdo de cada cédula apenas no anverso é escrita em caixa alta. Segue as cores da paleta referente a cada cédula e parte da margem, chegando até a ilustração da efígie esculpida.

Numeral do valor nominal da cédula:



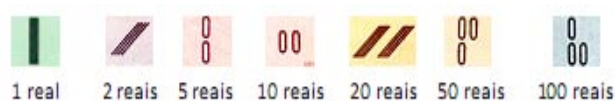
O numeral vem centralizado verticalmente à nota, a grafia é dinâmica, as curvas do numeral são acentuadas. O elemento é preenchido com um padrão minúsculo da sigla BC, utilizando as cores da paleta da cédula. Possui dois contornos, um transparente e outro menor, com a cor predominante deste.

Legenda DEUS SEJA LOUVADO:



Localizada à esquerda e abaixo do numeral de valor, a legenda apresenta-se em caixa alta, com a mesma tipografia serifada utilizada na legenda BANCO CENTRAL DO BRASIL. As cores são menos opacas nas notas de 5, 10 e 50 reais. Nas cédulas de 1, 2 e 20 reais, esta legenda é impressa em tinta com relevo ao tato. Não está presente na nota de 100 reais.

Marca tátil:



Esta marca é localizada junto à margem implícita das cédulas, no canto esquerdo. São marcas diferentes para cada cédula, podendo ser uma tarja vertical, presente na nota de 1 real; elementos na forma de um numeral “0” nas cédulas de 5, 10, 50 e 100 reais; ou tarjas diagonais nas notas de 2 e 20 reais.

Imagem latente:



Este quadro localiza-se no canto inferior esquerdo de cada cédula e apresenta a partir de linhas paralelas, padrões ilustrativos. As linhas formam uma imagem latente das siglas BC (Banco Central) se olhadas horizontalmente.

Tarja REAL/REAIS:



Esta tarja possui cores fortes, ainda amparadas na paleta da cédula em questão, possui linhas e curvas formando padrões que se diferenciam a cada nota, sendo iguais nos grupos de notas de 1, 2, 5 e 10 reais e nas de 20, 50 e 100 reais. Sobreposto à tarja, há a legenda REAL (no caso da nota de 1 real) e REAIS, nas demais notas. A tipologia utilizada é diferente das legendas antes citadas, assemelhando-se mais ao numeral logo acima deste. Destaque para a letra “A” que possui uma certa desconstrução na sua forma, diferenciando-a bastante de qualquer tipologia conhecida e utilizada usualmente.

Numeração de série:



Presente no canto inferior direito em todas as notas (excluindo a de 20 reais, onde este elemento localiza-se logo abaixo da legenda BANCO CENTRAL DO BRASIL). Esta numeração segue o padrão de 12 caracteres, ou seja, uma letra inicial, seguida por 10 numerais e outra letra final, ambas em caixa alta, com tipologia diferente de todas as outras utilizadas nesta face.

Assinaturas - microchancelas:



Logo acima da numeração de séries há as assinaturas do ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central do Brasil. Possuem fio de pequena espessura e logo abaixo o cargo correspondente, em caixa alta. A tipologia utilizada é única nesta face da nota, não assemelha-se a nenhuma das legendas antes vistas. Em todas as cédulas esta impressão é feita na cor preta.

Desenho das armas nacionais:



Acima das assinaturas há uma ilustração representando o brasão nacional, ou armas nacionais. Nas notas de 5, 10, 50 e 100 reais, este elemento é monocromático, ainda na paleta referente à sua respectiva nota. Já nas notas de 1, 2 e 20 reais, o brasão nacional é um registro coincidente com o reverso, onde em cada lado verifica-se apenas pedaços desconexos deste, que completam-se se vistos sob a luz.

Numeral do valor nominal da cédula:



Este elemento é idêntico ao primeiro numeral listado, porém possui 1/3 (um terço) do seu tamanho. As mesmas características repetem-se, porém, nas devidas proporções.

Os elementos gráficos do reverso das cédulas são:

Ilustração do animal: as ilustrações dos animais, específicos da fauna brasileira, se encontram inseridas em cenários referentes a ecossistemas respectivos para cada espécie, com legenda breve inserida logo abaixo da representação. A utilização das cores corresponde à paleta da cédula, a técnica segue o estilo de acabamento utilizado na efígie (bico de pena, gravura em metal) criando assim uma unidade de estilo na cédula. A impressão é feita através do processo de calcografia o que possibilita a percepção tátil da ilustração. São posicionadas verticalmente na parte central, ocupando cerca de 70% de toda informação contida no reverso, assim como foco central da leitura visual.



A cédula de R\$1,00 é ilustrada com o beija-flor (*amazilia lactea*), a de R\$2,00 com a tartaruga de pente (*eretmochelys imbricata*), a de R\$5,00 com a garça (*casmerodius albus*), a de R\$10,00 com a arara (*ara chlooptera*), a de R\$20,00 com o mico-leão-dourado (*leontopitecus rosalia*), a de R\$50,00 com a onça pintada (*panthera onça*) e a de R\$100,00 com a garoupa (*epinephelus marginatus*).

Numeral do valor nominal da cédula: novamente a ocorrência do numeral que foi antecipada no anverso. Este elemento é idêntico ao primeiro numeral listado, e também possui um terço do seu tamanho, as mesmas características repetem-se, porém, nas devidas proporções, evidenciando o valor da cédula em questão, mas agora sua alocação se dá na vertical devido às configurações do reverso.

Desenho das armas nacionais:



Olhando-se a nota contra a luz, o desenho das armas nacionais aparecerá por inteiro, pois suas partes complementares, impressas nos dois lados da nota, ajustam-se perfeitamente.

Numeral do valor nominal da cédula:



Ocorre novamente a repetição do numeral, com o intuito de explicitar e evidenciar o valor da cédula em questão. Os elementos que o caracterizam se mantêm os mesmos, alertando para o fato que encontra-se com 2/3 do valor que possui o ícone no anverso.

Faixa com o valor nominal da cédula escrito por extenso:



A caixa de texto possui padrões constituídos de linhas sinuosas e hiperbólicas restritas ao contorno do objeto em questão que variam a cada nota, sofrem interferência do objeto (este também constituído através de padrões) que enquadra as ilustrações, possui cores fortes, ainda amparadas na paleta de cada cédula, os padrões se repetem nos grupos de notas de R\$1,00; R\$2,00; R\$5,00 e R\$10,00 e nas de R\$20,00; R\$50,00 e R\$100,00. Sobreposta à caixa de texto, há a grafia referente ao valor nominal de cada cédula de real. A tipologia utilizada é a mesma utilizada na tarja equivalente ao anverso que, como já foi dito, diferente das legendas antes citadas, assemelha-se mais ao numeral localizado sempre acima do elemento ortográfico.

Sigla e legenda CASA DA MOEDA DO BRASIL:



A legenda destacada possui tamanho reduzido em relação aos outros elementos da cédula, encontra-se em posição vertical em relação à leitura de todo o reverso. Caracteriza-se pelo símbolo da Casa da Moeda do Brasil, seguida da legenda de mesmo nome. A tipologia utilizada é a mesma da legenda com o nome do animal da ilustração, também contido no reverso. Todas as letras estão em caixa alta.

As notas de R\$2,00 e R\$20,00 possuem elementos exclusivos, como se pode ver.

Faixa holográfica da cédula de R\$20,00:



Ao se movimentar a cédula, aparecem imagens do mico leão dourado e do número 20. Com lente de aumento, vê-se também, ao fundo, o texto “20 REAIS”. Na lateral direita, é

visível o texto “Banco Central do Brasil”. Este elemento brilha ao contato com a luz e possui “duas imagens” diferentes, o animal e o número 20.

No reverso, os padrões de fundo são diferenciados:



As novas cédulas de R\$2,00 e de R\$20,00 possuem em seu fundo, no anverso, mais detalhes. A nota de R\$2,00 tem traços simples referentes ao casco da tartaruga marinha e a cédula de R\$20,00 possui em seu reverso, traços icônicos referentes ao próprio animal de sua ilustração, o mico-leão-dourado. Os traços, em ambas as cédulas, são brancos com um fino fio da cor principal de sua paleta.

5.2. Abordagem semântica - o signo em relação ao seu objeto

Analisando os signos do papel moeda do plano real e suas correlações com seus objetos, podemos verificar que as cédulas de real possuem suas cores como elementos mais perceptíveis em primeira instância. Tais cores relacionam-se a cada nota, caracterizando como qualidade, que somadas às ilustrações dos animais presentes no reverso e ao seu valor nominal denotado pelo numeral em ambas as faces, confere unidade a cada uma delas. O anverso como objeto de observação possui as características físicas já citadas, em que as cores somam-se à efígie, conferindo individualidade a cada cédula, porém ainda inseridas em um grupo, nunca separadas de seu valor como um conjunto. A efígie realiza esse papel de padrão ilustrativo da família do real. O numeral grande, seguido da legenda REAL/REAIS possui contornos firmes, cores fortes no caso dos numerais e a legenda envolta pela tarja também escura proporcionam rápida leitura do valor nominal de cada cédula.

Os planos de fundo, tanto do anverso como do reverso, compõem-se de linhas e curvas sinuosas, cor e tom fornecem estruturalidade ao conjunto. Estes planos possuem uma forma básica comum a todas as notas, exceto as cédulas de R\$2,00 e de R\$20,00 lançadas em 2001. Essa forma tem contornos diagonais que “sangram” para fora do papel no topo e na base, de forma que, se colocadas uma nota acima da outra, os planos de fundo se completam.

Todas as inscrições, legendas e informações que utilizam a escrita, estão em caixa alta. Foram observadas quatro tipologias distintas utilizadas em toda a cédula. A primeira é a da legenda BANCO CENTRAL DO BRASIL, no topo do anverso, essa tipologia repete-se na legenda abaixo do numeral - DEUS SEJA LOUVADO - e diferencia-se de todas as outras

no signo inteiro por ser o único tipo serifado. A inscrição REAL/REAIS do anverso possui tipologia única, é utilizada também no reverso para a inscrição por extenso do valor da nota. A terceira tipologia observada está presente na descrição logo abaixo das assinaturas do ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central do Brasil, esta fonte não possui serifa, pois é escrita em tamanho bem reduzido. Finalizando, a quarta família de letras encontrada é a utilizada na numeração de série, esta é bem diferente de todas as outras, com traços bem finos e desenho curvado.

Alguns elementos, como a marca tátil no canto inferior esquerdo das cédulas e os traços da efígie, possuem relevo ao tato, que contribuem para aspectos de originalidade do objeto. Pessoas com deficiência visual podem diferenciar as notas através das diferentes marcas táteis. Todas as representações feitas nas notas são através de traços, linhas e curvas, não há em nenhum elemento presente em quaisquer das cédulas analisadas, o uso de cores chapadas em áreas maiores que 1 mm, característica da linguagem visual do segmento.

O brasão das armas presente em ambos os lados confere a característica de símbolo nacional e patriótico à nota, relacionando-a sempre ao seu papel monetário no país. O reverso nos garante horas de relações sígnicas entre seus elementos. Os numerais, pequeno e grande, também estão presentes nesta face de leitura vertical. O reverso possui o valor nominal da nota escrito por extenso, garantindo uma maior abrangência também de interpretações.

Os números de série possuem uma regra de construção, envolve três conceitos utilizados para numeração das cédulas:

Série - é um conjunto de 100.000 cédulas de mesmo valor, com as mesmas características gráficas. Por exemplo, a numeração “A 7051045099 C” indica que esta nota pertence à série “A 7051”. A numeração das séries é sucessiva, isto é, a série “A 9999” será sucedida pela série “B0001”, esta pela “B0002”, e assim por diante.

Ordem - é a numeração sequencial da cédula dentro da série. No exemplo anterior (“A 7051045099 C”), a numeração indica que esta é a nota 45099 da série “A 7051”. O número de ordem varia de 000001 a 100000.

Estampa - identifica as séries com iguais características físicas e/ou gráficas. É indicada pela última letra da numeração. No exemplo acima, a cédula pertence à estampa C (“A 7051045099 C”). A cédula utilizada para ilustração (veja abaixo) compõe a série A 6506. Ela é a 28457 da série A 6506, pertencente à estampa B.



A simbologia da efígie da República: a efígie é um elemento repleto de correlações, sendo a primeira delas, no caso das cédulas de real, a da República, utilizando como inspiração a imagem da Liberdade na obra *A Liberdade Guiando o Povo*, pintada em 1830, por Eugène Delacroix. Seus traços relacionam-na com as antigas gravuras em metal, uma das mais antigas técnicas de gravura. Possui um corte abaixo do pescoço, o que nos revela a figura como sendo um busto de uma escultura, e não uma face humana, ou mesmo uma pintura. Cada uma das cédulas do plano real possui elementos variáveis que as caracterizam como únicas. Isto porque cada uma possui um valor nominal diferente que precisa ser bem notado por quem as utiliza. A efígie presente em todas as cédulas forma um padrão, uma convenção, estabelecendo-se, portanto como um símbolo comum das cédulas de real.



A efígie, antes de possuir esta significação no padrão visual do real, foi adotada como símbolo da República Portuguesa, na sequência da implantação do novo regime em outubro de 1910. A efígie é atualmente utilizada como um busto, devido ao busto esculpido por Simões de Almeida, em 1912, tornando-se o padrão oficial da imagem da República Portuguesa. O busto da República passou então a ser considerado um dos símbolos nacionais de Portugal. No Brasil, a efígie da República é o símbolo da República Federativa do Brasil, sendo a personificação nacional da nação brasileira (www.wikipedia.org).

Os animais brasileiros nas cédulas do real: como descrito anteriormente, as notas possuem em seu reverso, ilustrações de animais da fauna brasileira. Segundo o site oficial do Banco Central do Brasil, acessado em 8 de dezembro de 2008, a cédula de R\$1,00 possui a ilustração de um beija-flor, que alimenta suas crias em um ninho simples, apoiado em um

fino galho de árvore, folhas ao redor mostram o quão pequenos são os animais e a delicadeza com que é exercida a função paterna ali presente. O beija-flor é típico do continente americano e ocorrem mais de cem espécies no Brasil. A cédula de 100 mil cruzeiros já apresentou essa mesma ilustração.



A ilustração da cédula de R\$2,00 é a de uma tartaruga de pente, uma das cinco espécies de tartarugas marinhas encontradas na costa brasileira. Ilustrando a nota de R\$5,00 está a garça, ave penhalta da família dos ardeídeos, espécie muito representativa da fauna encontrada no território brasileiro. No reverso da cédula de R\$10,00 encontra-se a arara, ave de grande porte da família dos psitacídeos, típica da fauna do Brasil e de outros países latinoamericanos. A nota de R\$20,00 é ilustrada com um mico-leão-dourado, um primata de pêlo alaranjado e cauda longa, nativo da Mata Atlântica, sendo o símbolo da luta pela preservação das espécies brasileiras ameaçadas de extinção. A figura de uma onça pintada, conhecido e belo felídeo de grande porte, está presente na cédula de R\$50,00. O animal é ameaçado de extinção, mas ainda pode ser encontrado principalmente na Amazônia e no Pantanal Matogrossense. O reverso da nota de R\$100,00 possui uma garoupa, peixe marinho da família dos serranídeos, e um dos mais conhecidos dentre os encontrados nas costas brasileiras.

A representação de animais no papel moeda de um país, bem como nas cédulas do Brasil não é novidade. As cédulas emitidas pelo Banco dos Estados da África Central possuem extensa utilização de animais em sua linguagem visual. A África Central é um continente situado na mesma “altura” do Brasil no globo terrestre, estes se situam entre a Linha do Equador e o Trópico de Capricórnio, sendo ambas regiões de grande diversidade animal (www.bcb.gov.br).

5.3. Abordagem pragmática: a utilização das cédulas pelos usuários

Após analisar o conteúdo e as significações dos elementos presentes nas cédulas de real, é dado o momento de relacioná-los com o usuário, a quem são direcionadas e quem as utilizam todos os dias em situações tanto corriqueiras quanto em transações milionárias.

Todos nós, inseridos no sistema capitalista, fazemos uso direto ou indireto do dinheiro e de suas mais diversas formas de representação e utilização. A interpretação visual de uma cédula é feita na sua utilização diária, rápida e direta, tendo seus elementos visuais secundários quase que imperceptíveis. A explicação para isso é a importância que os símbolos exercem sobre a percepção do real, como convenções que praticamente descartam o processo de formulação de um novo raciocínio, já que possuem caráter de lei, com significados que generalizam as interpretações.

O padrão ilustrativo brasileiro concebido para o plano real é interessante, pois as gravuras, apesar de aparentemente constituírem um único estilo e remeterem a uma mesma linhagem, pertencem a épocas de concepção diferentes e foram feitas por autores diferentes. As ilustrações da efígie e do beija flor, foram criadas no plano cruzeiro e utilizadas no plano real, junto com a encomenda das outras quatro ilustrações (garça, arara, onça e garoupa) e, posteriormente, com a escolha feita pelo voto popular, a tartaruga de pente e o mico-leão-dourado para as notas de R\$2,00 e R\$2,00. As ilustrações são compostas por linhas e hachuras, que sobrepostas nas aves representam maior quantidade de sombra, transfigurando o volume da peça retratada, o nível de detalhamento é demasiado complexo, fidedigno a ilustrações de cunho biológico/científico, pois preservam as características mais elementares dos animais.

A possível técnica utilizada é o bico de pena e o nanquim, pois estes fazem alusão a gravuras instauradas no início do advento da imprensa gráfica, com o propósito de resgate do patrimônio histórico-cultural e exaltação ufanista da fauna em extinção. Este padrão ilustrativo tem seu valor ligado à padronagem da identidade visual do conjunto e faz parte também de toda a linguagem utilizada nas cédulas durante toda a trajetória de sua utilização.

Como muitos a chamam “a mulher das notas de dinheiro”, a efígie da República é um signo com uma difícil e complexa interpretação. Em abordagem anterior o chamamos de símbolo devido à atribuição meramente convencional de seu significado, porém a caracterizamos como um signo incompleto na maioria de suas interpretações, pois a grande maioria da população, alvo direto das cédulas analisadas, não consegue interpretá-la de forma eficaz e correta. As interpretações mais comuns a seu respeito são as relações entre César, o imperador, devido aos louros em seus cabelos. A população conhece César pelos filmes e pela grande utilização de sua imagem na mídia literária e cultural. Outra figura constantemente confundida com a efígie é Adão, personagem bíblico que carrega a responsabilidade de ser o antecessor de todos nós humanos. No entanto, como vimos, a

figura real representada é a República, que utiliza como representação um busto em forma de escultura da imagem da Liberdade, na obra *A Liberdade Guiando o Povo*, de Eugène Delacroix. Trata-se, pois, de um signo complexo, de várias interrelações entre muitos objetos distantes entre si e longe do conhecimento geral de seu público alvo, o povo brasileiro.

Os olhos da figura não possuem pupila devido a sua representação como escultura, porém estes nos passam uma sensação de poder, de elevação, de uma sublimaridade acima do plano real. Esta interpretação, somada à figura que olha para o lado, exatamente para o numeral que indica o valor nominal da nota, nos gera uma sensação de grande importância do signo como um todo. Uma figura etérea olha pomposamente para o numeral indicativo, somado à monocromia de toda a cédula, essa imagem é única a quem dispense de uma análise rápida, sua interpretação sentimental é forte e garante à cédula uma qualidade de alto valor, algo acima de nossos desejos e alcance.

A efigie é, portanto, mais um elemento de significação interno das cédulas do que um signo que procura em primeira instância estabelecer ligação com seus objetos exteriores. A figura realiza com perfeição seu papel de padrão ilustrativo do anverso das cédulas, configurando uma imagem que se repete em todas as notas e garante a identidade visual perfeita do conjunto.

Os elementos de segurança:



Como vimos, o signo estudado é complexo em seus diferentes elementos, e também signos passíveis de interpretação dentro de seu contexto na própria cédula e como conjunto.

Segundo dados da pesquisa “O brasileiro e sua relação com o dinheiro-II” (Datafolha, 2007), 55% da população recebem seu salário em dinheiro/espécie, ou seja, o signo enquanto material, na sua forma física, é passado de mãos em mãos e carrega além de uma significação exterior a um objeto, como todo signo, um valor nominal existente e real. Essa utilização das cédulas, como representantes de algo muito maior e cobiçado, gera tentativas de se copiar esta representação, para que esse valor monetário seja utilizado sem a necessidade de uma cédula real. Esta caracteriza-se como um símbolo valiosíssimo e possui a grande necessidade de se ter sua possibilidade de cópia restringida ao máximo.

Durante a trajetória da cédula em seu papel de guardar um valor acima de seu signo, muito se tentou, diversas vezes em vão, compor elementos de difícil ou impossível reprodução sem os devidos meios de produção. As cédulas possuem inúmeros elementos que cumprem este papel, cada um possui sua interpretação como elemento específico para a segurança da cédula implícito no cotidiano. Ainda com base na pesquisa citada, 42% da população não costumam verificar se a nota é verdadeira. Os elementos mais lembrados de se verificar, quando efetuada a verificação, são a marca d'água e o fio de segurança.

6. A semiose como um processo inevitável

Os signos não funcionam sozinhos, possuem interação com todos os elementos e se conectam uns com os outros através de inúmeros processos de interpretação. Os processos de conexão entre as interpretações sógnicas são na verdade impossíveis de se separar do conjunto, uma vez que o interpretante será sempre um novo signo, que por sua vez gerará novas interpretações em um processo contínuo e infinito.

As cédulas possuem interpretações restritas que acontecem comumente devido à rapidez dos processos onde são utilizadas. Um indivíduo pega uma nota e o seu valor nominal está tão impregnado na sua mente que se torna impossível separar os elementos de todo o conjunto. Uma cédula de R\$50,00, por exemplo, não é apenas um signo representativo do seu valor monetário, ela é o próprio valor ali, na mão de quem a segura e a utiliza. Tomemos como exemplo um cidadão que recebe um salário mínimo, cotado hoje em R\$465,00. Ele possui em suas mãos duas notas de R\$100,00, cinco notas de R\$50,00, uma nota de R\$10,00 e uma nota de R\$5,00. A partir dali ele inicia um processo de interpretação baseado em todo o montante que recebeu. O signo é o bolo de notas em suas mãos, seu objeto imediato está ali enquanto o objeto dinâmico é o valor que agora possui, gerando rapidamente a interpretação de que parte dele servirá para o pagamento de dívidas contraídas anteriormente. A partir desta primeira interpretação o signo já não é mais o mesmo, ele passou por um processo sendo agora outro signo, possuindo outra interpretação. Sabendo que possui contas a pagar, nosso personagem já enxerga uma subtração em seu montante de notas, ou seja, o objeto dinâmico de seu signo já é outro valor. Agora ele interpreta apenas o valor que sabe que realmente possui, pois o que deve não é seu, deverá ser gasto logo que possível para quitar quaisquer que sejam suas necessidades. O valor restante o deixa feliz, pois com ele será possível dar um presente para sua esposa, o que a deixará feliz e isso o deixa contente também. Portanto, o signo inicial que era um montante de sete cédulas, tendo

como objeto o valor recebido, gerou um outro signo com outro valor. Este signo, por sua vez, gerou um terceiro signo: a possibilidade de se comprar um presente.

7. Conclusão

Uma das riquezas da teoria semiótica peirceana é a visão generalista e lógica de organização dos signos. A multiplicidade de sutilezas que a análise semiótica apresenta permite compreender qual é a natureza e quais são os poderes de referência dos signos, que informações transmitem, como se estruturam em sistemas, como funcionam, como são emitidos, produzidos, utilizados e que tipos de efeitos são capazes de provocar no intérprete. No caso do design gráfico, sua aplicação é extremamente importante, uma vez que o designer é o profissional da visualidade, cabendo a ele “fazer significar”, dar um sentido especial às imagens e a semiótica, vimos, investiga não somente o signo, mas a ação do signo, a semiose. Nesse sentido, a teoria semiótica pode transformar um experienciar subjetivo em uma prática objetiva, visando atingir a meta principal do designer gráfico, que é expressar, da forma mais clara possível, uma mensagem.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL. <http://www.bcb.gov.br>. Acesso em 8 de dezembro de 2008.

DATAFOLHA. Pesquisa realizada em 2007. Disponível em http://www.bcb.gov.br/html/mecir/Apresentacao_BACEN_DataFolha. Acesso em 11 de dezembro de 2008.

GLOSSÁRIO DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/MECIRGLOS>. Acesso em 8 de dezembro de 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected papers*. Cambridge-Massachussetts: Harvard University Press, 1978. 8 vol.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira/Thomsom Learning, 2004.